

O BULLYING NAS ESCOLAS: COMO COMBATER

Antônia Rocha Pedrosa¹

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo realizar um levantamento bibliográfico com intuito de identificar a ocorrência de bullying no âmbito escolar e proporcionar medidas para combater o preconceito, a violência e a covardia entre alunos. Reconhecendo que a maioria das agressões ocorre no território escolar, especialmente em sala de aula, professores e demais autoridades da instituição de ensino tem o dever de se tornar competente e promover transformações que criem um ambiente seguro e agradável, onde o ensino seja transmitido de forma eficiente e eficaz a todos os alunos. Através de pesquisa, os autores e pesquisadores, buscam disponibilizar informações de forma acessível, a todos os cidadãos conscientes sobre o tema, ressaltando a importância de identificar precocemente o bullying, como também, indicar posturas e ações que possam combater todo tipo de violência na instituição de ensino.

Palavras-chave: Violência. Preconceito. Bullying.

ABSTRACT:

This paper aims to conduct a literature review in order to identify the occurrence of bullying in schools and provide measures to fight prejudice, violence and cowardice among students. Recognizing that most assaults occur on school grounds, especially in the classroom, teachers and other authorities of the educational institution has a duty to become competent and promoting transformation create a safe and pleasant environment, where teaching is transmitted in order efficient and effective for all students. Through research, the authors and researchers seek to provide affordable way of information to all concerned citizens on the issue, stressing the importance of early identification of bullying, but also indicate attitudes and actions that can combat all forms of violence in the institution teaching.

Keywords: Violence. Preconception. Bullying.

INTRODUÇÃO

O bullying caracteriza-se por ser um fenômeno mundial encontrado em todas as escolas, sejam elas privadas ou públicas, o que vem se expandindo nos últimos

¹ Aluna de Mestrado em. Formação Educacional Interdisciplinaridade e Subjetividade da Universidad Antónoma Del Sur

anos. A conduta bullying nas instituições de ensino tem sido um sério problema, pois gera um aumento significativo da propagação da violência entre os alunos.

Segundo Silva (2010, p. 111) o bullying é um fenômeno tão antigo quanto à própria instituição denominada escola. No início dos anos 70 este tema passa a ser estudado cientificamente, começando pela Suécia, onde grande parcela da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar.

No Brasil, afirma, o bullying é pouco estudado, por isso não é possível comparar os índices da prática de bullying no âmbito escolar com outros países. A falta de estudos e pesquisas em relação ao fenômeno mencionado faz com que o Brasil apresente 15 (quinze) anos de atraso em relação à Europa. (FANTE, 2005 apud LEÃO, 2010).

Em 1997, no Brasil, foram realizadas diversas pesquisas, das quais três se destacam. A primeira foi pela professora Marta Canfield e suas colaboradoras; a segunda pelos professores Israel Figueira e Carlos Neto em 2000-2001; e a terceira pesquisa “foi desenvolvida pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e o Adolescência” (ABRAPIA, apud FANTE, 2005, p. 47). Os dados coletados revelaram que 40,5% dos alunos entrevistados disseram estar envolvidos em episódios de violência. A pesquisa também “demonstrou” que o bullying em nossas escolas se encontra com um índice mais elevado do que os apresentados em países Europeus.

Os autores que têm se dedicado ao estudo desse assunto, classificam esse tipo de violência como “Fenômeno bullying”. é causado pela necessidade que o sujeito tem de se impor sobre o outro, tanto para demonstração de poder por um longo período de tempo contra uma mesma vítima, sem motivos evidentes, adotando comportamentos cruéis, humilhantes e intimidadores, gerando consequências irreparáveis, sejam elas físicas, psíquicas, emocionais ou comportamentais.

Para combater esse tipo de violência, a escola precisa estar atenta para saber fazer a diferença entre brincadeiras e bullying. Este tipo de comportamento não pode ser encarado como brincadeira ou provocação natural entre crianças e adolescentes e merece atenção para ser prevenido e combatido. Dentro deste contexto, este artigo visa apresentar esse fenômeno social, suas causas,

consequências e quais as medidas cabíveis para diminuir esse tipo de comportamento.

Esse trabalho consta de uma revisão bibliográfica, sobre tema bullying, sendo usada a consulta a livros, e artigos, de autores que escrevem e desenvolvem pesquisas sobre o tema bullying na escola. E como combater este mal. Esse é um tema de alta relevância que pode servir de subsídios à pesquisa posteriores.

CONCEITOS E TIPOS DE BULLYING

A escola, como instituição de ensino tem o papel de tornar-se competente para promover transformações que criem um ambiente saudável e seguro, onde a aprendizagem seja o foco central, podendo assim, proporcionar medidas para combater todo tipo de agressão e violência.

Atualmente, uma das formas de violência mais recorrentes na escola é o fenômeno conhecido por bullying. Esta palavra segundo Silva (2006) e Leão (2010) deriva do verbo inglês bully cujo conceito é usar de superioridade. Como adjetivo, a terminologia bullying refere-se a valentão, tirano. A terminologia bullying tem sido adotada em vários países como designação para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, intencional e repetitivo inerente às relações interpessoais. As vítimas são os indivíduos considerados mais fracos e frágeis dessa relação, transformados em objeto de diversão e prazer por meio de *brincadeiras* maldosas e intimidadoras.

Existe uma grande variedade de definições para a palavra bullying, mas pode-se dizer segundo Lopes (2005), que o termo se refere à exposição repetida a ações propositais que ferem ou prejudicam o indivíduo, caracterizando-se, principalmente, pela disparidade de poder entre os pares, de modo que a pessoa é dominada por outra. Portanto, o desequilíbrio de poder e às atitudes negativas e repetidas entre iguais constitui as principais características que viabilizam a intimidação do alvo.

Fante (2005) atribui ao bullying, um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações

injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais.

Há várias formas de manifestar o bullying. A prática pode ocorrer da forma direta, quando a agressão é feita contra o seu alvo por meio de apelidos, exclusão do grupo, agressão moral ou física. O bullying pode ser também indireto, envolvendo furtos, fofocas e até mesmo, o cyberbullying, aquele que usa a internet, celular e outros meios do mundo digital para divulgar as ofensas - sites caluniando as vítimas, vídeos disseminados com situações embaraçosas e fofocas circulam pela rede numa velocidade impressionante. Segundo uma pesquisa recente feita pela Universidade de Valência, na Espanha, entre 25 % e 29 % dos adolescentes sofrem bullying via telefone celular ou internet.

Além disso, as provocações podem começar presencialmente e evoluir para o ambiente virtual, como conta a professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal do Rio de Janeiro, Cristiane Mesquita. "Uma aluna nossa recebia ameaças e xingamentos, que eram divulgados na porta do banheiro da escola. Depois, isso se repetiu numa rede social na internet. A mãe, completamente assustada, foi à escola e nós a orientamos a procurar a justiça. A direção convocou o responsável pela agressora, que pediu desculpas à garota. Só então a mãe desistiu de denunciar", relembra.

Em geral, o modo de manifestar o bullying varia entre os meninos e as meninas. Entre eles, ocorrem mais agressões físicas e exclusões do grupo, na hora de jogar bola ou no recreio, por exemplo. Enquanto entre elas, a prática envolve fofocas, difamações e dominação, sem, no entanto, excluí-las do grupo.

IDENTIFICANDO VÍTIMA E AGRESSOR

Nem sempre é fácil identificar as vítimas, os espectadores e os agressores do bullying, pois quase todos se recusam a falar a respeito. Daí a importância de saber detectar esse fenômeno que sempre existiu, mas que vem ganhando proporções assustadoras, a ponto de se tornar objeto de estudo no mundo inteiro (Silva, 2010).

Algumas características indicam se alguém pode ser um provável alvo de bullying. Ao observar as crianças, deve-se dar importância àquelas muito infantilizadas ou muito protegidas, que não conseguem se destacar dentro do

grupo, ou aquelas que ouvem frequentemente frases desestimulantes no ambiente familiar.

Os agressores comumente vêm de uma família que usa a violência como forma de autoridade, com pais ou mães que não expressam amor ou afeto pelos filhos ou que cresceram em lares em que todos os comportamentos eram aceitos. Essas crianças não sabem ouvir a palavra “não”.

De acordo com Silva (2010), bullying escolar, abrange todos os atos de violência, seja ela física ou não, que ocorre de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitando de fazer frente às agressões sofridas.

O bullying é, antes de tudo, uma forma específica de violência. Sendo assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social complexo e de responsabilidade de todos nós. Pais e professores devem estar atentos a vários aspectos comportamentais das crianças e dos adolescentes, considerando os possíveis papéis que cada um deles pode desempenhar em uma situação de bullying escolar.

Identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores são de suma importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações contra o bullying.

Os agressores costumam ser figuras populares na escola, são agressivos com os colegas, professores, pais e, normalmente, trazem consigo um grupo de seguidores. "Eles precisam dessas pessoas que os apóiam e se submetem a eles e, dessa forma, a responsabilidade pela agressão é dividida", ressalta Lopes Neto (2005).

Ao contrário dos agressores, as vítimas, geralmente, têm ou desenvolvem baixa autoestima. Procuram sempre estarem isolados do grupo e interagem com poucos amigos. As características físicas também são um fator a mais que torna as vítimas a se tornarem alvo de brincadeiras que visam diminuí-la como ser humano. Como por exemplo podemos citar a magreza, excesso de peso, timidez, ou outra característica acentuada, o que, em muitos casos, levam as vítimas a apresentarem sinais de depressão, ansiedade e baixo rendimento escolar.

O especialista acrescenta que, em casa, eles se isolam no quarto, demonstram irritabilidade com os pais, pois não se sentem apoiados, choram com frequência e, geralmente, inventam desculpas para faltar aulas e não ficar no ambiente em que estão sofrendo.

O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO COMBATE AO BULLYING

A família é parte fundamental e deve valorizar o diálogo. A atenção dos pais para o tema deve leva-los se o seu filho tem amigos, se conhece pessoas que sofrem alguma agressão ou se ele mesmo é intimidado na escola. A função da família é permitir que o filho exponha seu sofrimento.

Em diversas situações, muitas vezes a criança tem medo de dizer aos pais, principalmente devido ao medo de se expor e achar que os pais não vão valorizar os seus sentimentos. Quando seus filhos são agressores, a família deve saber corrigi-los para que eles não continuem com as agressões na escola. A atitude dos pais não deve vir com castigos ou agressões, mas por meio pelo método tradicional do diálogo aberto e da educação familiar. Esta é a melhor maneira de fazê-lo entender que é indispensável a qualquer indivíduo que vive coletivamente e de forma respeitosa.

O bullying deve ser levado a sério por toda a comunidade escolar e familiar. Aos pais, cabe decidir qual a melhor escola para os seus filhos - muitas vezes, a escola que oferece a melhor educação formal não possui o ambiente mais saudável.

A escola deve adequar o ambiente escolar para reduzir o bullying e valorizar a diversidade. Medidas para esclarecer o que é o bullying também devem ser realizadas. E é fundamental que a escola aja como um facilitador entre pais e alunos para encaminhar, orienta e resolver a questão. Um dos fatores que agrava ainda mais o problema é a omissão de professores e dos profissionais do ambiente estudantil.

Em relação à escola, em primeiro lugar, deve conscientizar-se de que esse conflito relacional já é considerado um problema de saúde pública. Por isso, é preciso desenvolver um olhar mais observador tanto dos professores quanto dos demais profissionais ligados ao espaço escolar. Sendo assim, deve atentar-se para sinais de violência, procurando neutralizar os agressores, bem como assessorar as vítimas e transformar os espectadores em principais aliados.

Além disso, é possível tomar algumas iniciativas preventivas como o aumento da supervisão na hora do recreio e intervalo; evitar em sala de aula atitudes como menosprezo, apelidos, ou rejeição de alunos, por qualquer que seja

o motivo, além de promover debates sobre as várias formas de violência, respeito mútuo e a afetividade, tendo como foco as relações humanas.

Em relação à participação da escola no combate ao bullying, Silva (2006), afirma que no Brasil, o atraso em identificar e enfrentar o problema foi enorme. Por aqui, o tema só começou a ser abordado junto à sociedade a partir de 2000, quando Cleo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa séria e bastante abrangente sobre o assunto. Esse foi um trabalho pioneiro, que resultou em um programa de combate ao bullying denominado “Educar para a Paz”, colocado em prática no interior paulista no mesmo ano.

O esforço em colocar o tema em discussão evidenciou o tema, ganhando espaço em debates públicos. Nas escolas precisam inicialmente, reconhecer a existência do bullying em suas diversas formas e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento sócio educacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes.

O bullying é um fato real e evidenciado dia após dia. As escolas necessitam promover a capacitação de seus profissionais para identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências.

As instituições de ensino dever de conduzir o tema a uma discussão ampla, que mobilize toda a sua comunidade, para que estratégias preventivas e imediatas sejam traçadas e executadas com o claro propósito de enfrentar a situação. Para tanto, é preciso também contar com a colaboração de consultores externos, especializados no tema e habituados a lidar com a questão. Entre eles, incluem-se profissionais de diversas áreas, como pediatras, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais. Estabelecer parcerias com instituições públicas ligadas à educação e ao direito, como Conselhos Tutelares, Delegacias da Criança e do Adolescente, Promotorias Públicas, Varas da Infância e Juventude, Promotorias da Educação. O somatório de forças é capaz de multiplicar a eficácia e a rapidez das medidas tomadas contra o problema.

Segundo Silva (2006) há diversos exemplos de ação eficiente contra o bullying no espaço escolar. Uma delas é o programa “Educar para a paz”, criado e desenvolvido por Cleo Fante e equipe, que trabalha com estratégias de intervenção e prevenção contra a violência na escola. Além disso, também existem sites sobre

o assunto como que visam a alertar e informar profissionais e pais no combate ao bullying.

Beaudoin (2006) aponta para a existência de práticas variadas e inovadoras destinadas a sala de aula, para lidar com o bullying e o abuso entre os pares em escolas de 1^a à 4^a séries. Com atividades que envolvem diversão e respeito, os alunos são estimulados a refletir sobre os efeitos do bullying e a fazer escolhas pessoais para promover a apreciação, a tolerância, e a colaboração em suas salas de aula. O trabalho em salas de aula é extremamente valioso e poderoso para professores e para alunos, por promover uma abordagem colaborativa na qual todos os alunos fazem parte da mesma equipe, esforçando-se para promover o respeito.

CONCLUSÃO

Partindo do pressuposto de que a escola é uma instituição de ensino e deve zelar para que o ensino possa ser transmitido em um ambiente seguro e saudável, ela tem a obrigação de afastar todos os tipos de agressões, sejam elas físicas ou verbais que ocorram em seu espaço físico.

Inicialmente, as escolas precisam reconhecer a existência do bullying e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer na vida dos alunos, e travar uma luta, envolvendo professores, profissionais da área da educação, como também pais e comunidade.

Como instituição de ensino, tem o dever de perseguir esse tema, usando estratégias preventivas, convidando consultores especialistas no assunto para capacitar os profissionais envolvidos com educação, realizar palestras com os pais e a comunidade, procurar realizar atividades que venham ajudar a descobrir quais as experiências e sentimentos das crianças e dos adolescentes, em relação ao bullying, de maneira prática e objetiva. Em fim, deve buscar ajuda imediata para combater um mal que tem atormentado muitas vidas, causando transtornos e consequências desastrosas na vida dos alunos.

Como se trata de um fenômeno altamente perigoso que causa consequências desastrosas deve ser tomada medidas urgentes para combater este grande mal.

A sua prevalência e gravidade compelem os pesquisadores a investigar os riscos e os fatores de proteção, associados com a iniciação, manutenção e interrupção desse tipo de comportamento agressivo. Os conhecimentos adquiridos com os estudos devem ser utilizados como fundamentação para orientar e direcionar a formulação de políticas públicas e para delinear as técnicas multidisciplinares de intervenção que possam reduzir esse problema de forma eficaz.

Em um país como o Brasil, onde o incentivo à melhoria da educação de seu povo se tornou um instrumento socializador e de desenvolvimento, onde grande parte das políticas sociais é voltada para a inclusão escolar, as escolas passaram a ser o espaço próprio e mais adequado para a construção coletiva e permanente das condições favoráveis para o pleno exercício da cidadania. As instituições de saúde e educação, assim como seus profissionais, devem reconhecer a extensão e o impacto gerado pela prática de bullying entre estudantes e desenvolver medidas para reduzi-la rapidamente. Aos profissionais de saúde, particularmente aos pediatras, é recomendável que sejam competentes para prevenir, investigar, diagnosticar e adotar as condutas adequadas diante de situações de violências que envolvam crianças e adolescentes, tanto na figura de autor, como na de alvo ou testemunha.

REFERÊNCIAS

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p. s164-s172, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 out.2015.

BEAUDOIN, Marie-Nathali; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. São Paulo: ARTMED, 2006.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Verus, Revista FACEVV | Vila Velha | Número 4 | Jan./Jun. 2010 | p. 119-135

LEÃO, R. Letícia Gabriela. **Fenômeno bullying no ambiente escolar**. Faculdade Cenecista de Vila Velha, 2010 Disponível em: <<http://www.facevv.edu.br/Revista/04/O%20FEN%C3%94MENO%20BULLYING%20NO%20AMBIENTE%20ESCOLAR%20-%20leticia%20gabriela.pdf>>

MALDONADO, Maria Tereza. **A face oculta**: uma história de bullying e cyberbullying. São Paulo: Saraiva, 2009.

SILVA, Geane Jesus. Bullying: quando a escola não é um paraíso. **Jornal Mundo Jovem**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php>. Acesso em: 21.01.2014.

SILVA, Ana Beatriz. B. **Bullying: - mente perigosa nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva 2010.

TORQUATO, Jonas. Bullying: como identificar e resolver situações de bullying. São Paulo